



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

SIMONE SANTOS DAS GRAÇAS

**LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
EDUCATIVA NA FORMAÇÃO LEITORA**

GUARABIRA/PB

2016

SIMONE SANTOS DAS GRAÇAS

**LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
EDUCATIVA NA FORMAÇÃO LEITORA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Ms. Márcia Gomes dos
Santos Silva

GUARABIRA/PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G729I Graças, Simone Santos das
Literatura infantil [manuscrito] : contribuições para prática
educativa na formação leitora / Simone Santos das Gracias. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Marcia Gomes dos Santos Silva, Departamento
de Pedagogia".

1. Literatura Infantil. 2. Pedagógico. 3. Formação de
Leitores. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

SIMONE SANTOS DAS GRAÇAS

**LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
EDUCATIVA NA FORMAÇÃO LEITORA**

Artigo apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do título
de graduada em Pedagogia.

Aprovada em: 21/10/16.

BANCA EXAMINADORA

Márcia Gomes dos Santos Silva

Prof. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Livia Maria Serafim Duarte Oliveira

Prof. Me. Livia Maria Serafim Duarte Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa

Prof. Me. Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Por mais essa fase da vida concluída com êxito, ao Criador de todas as coisas e também à minha família, que me serve de inspiração e motivação diária.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço por ter me proporcionado a oportunidade de estar concluindo esse curso, o qual, desde o início de minha juventude sempre foi um objetivo a ser alcançado e um sonho a ser conseguido, portanto sinto-me realizado e pronto para me dedicar a esta digna e honrada carreira profissional.

Aos meus familiares, por sempre me ajudarem e incentivarem, principalmente aos meus pais, irmãs e irmão, que dignamente juntos seguimos superando as dificuldades da vida.

Aos professores, que cada um ao seu modo peculiar de lecionar, nos proporcionou ampliar os conhecimentos e avançar nessa caminhada.

A professora Márcia Gomes a qual aceitou ser minha orientadora nesse trabalho sem nem ao menos me conhecer e ainda me apoiou, motivou e cumpriu com maestria sua função.

Também a nossa turma, a qual conviveu estudando nesses últimos cinco anos, superando os desafios acadêmicos que nos eram impostos, aos amigos que consegui fazer nessa caminhada, ressaltando as experiências de vida com seus acontecimentos diários, sem nos esquecermos das boas e saudáveis brincadeiras e risadas que juntos compartilhamos; e juntos conseguimos superar as dificuldades que nos apareciam, sem nunca perdermos os sonhos, a motivação, o bom humor e sobre tudo a fé.

.

Obrigado a Todos...

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL	09
2.1 Literatura infantil e folclore	12
2.2 Literatura infantil no Brasil	12
3 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DOS PEQUENOS LEITORES	15
3.1 A escolha do livro para criança	16
3.2 Professor: um contador de histórias	17
4 O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

RESUMO

A literatura contribui para a necessidade de se pensar em livros infantis para as crianças, que depois da Revolução Industrial passaram a representar papel importante na sociedade. Ela é um dos instrumentos de emancipação para a criança, traz conhecimento do mundo, amplia a visão sobre a vida e oferece múltiplas experiências. Um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças, e também ao público adulto, foi e continua sendo o fantástico. Assim, este estudo objetiva discutir as contribuições da literatura infantil para a prática educativa na formação leitora, evidenciar qual papel ocupa na escola e na formação dos leitores; identificar o professor como mediador no processo de formação dos pequenos leitores; e descrever a importância de ouvir a ler histórias desde a infância. Devido o recorte estabelecido no corpus estudado, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em autores como: COUTINHO (2003), LAJOLO e ZILBERMAN (2007), SILVA (2006), BETTELHEIM (2002), COELHO (2000), ABRAMOVICH (1997) entre outros. A partir do que é aqui apresentado, chega-se a conclusão de que mesmo sendo vista como algo simples, ou utilizada para fins pedagógicos, o objetivo primordial para se trabalhar com esse tipo de literatura deve ser sem dúvida, o apuro da percepção do prazer estético que a literatura, independentemente de qualquer determinação qualificativa, pode oferecer.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura Infantil; Pedagógico; Formação de Leitores.

1 INTRODUÇÃO

Para alguns autores a literatura infantil é considerada no meio educacional como algo sem relevância, pouco merecedora de importância ou seriedade. Essa é uma ideologia reinante no meio social/educacional brasileiro, porém nas últimas décadas, estudos, pesquisas e trabalhos vêm sendo feitos e apresentados à sociedade, mostrando a importância e influência da literatura infantil para a vida tanto das crianças e dos adolescentes, como o resultado dessa influência na vida desses futuros adultos.

A caracterização da literatura infantil oferece um permanente embaraço: saber se inclui apenas livros escritos para crianças ou se compreende também o que se lê a criança, embora originalmente não lhe fosse dirigida nem se tornasse nunca exclusividade, mas que caíram no gosto do público infantil como as *Fábulas*, de La Fontaine, ou as *Viagens de Gulliver*, de Swift.

Temos como objetivo geral discutir as contribuições da literatura infantil para a prática educativa na formação leitora e os específicos: Evidenciar qual papel ocupa na escola, na formação dos leitores; Identificar o professor como mediador no processo de formação dos pequenos leitores; e descrever a importância de ouvir a ler histórias desde a infância.

O percurso se inicia na Europa do século XVII, quando foram escritas as histórias que vieram a ser englobada como literatura também apropriada a infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694 e com o fim da concepção medieval de organização da sociedade, momento em que a leitura destinada às crianças limitava-se aos clássicos épicos, e chega ao Brasil no século XIX, país marcado pela crescente crise de leitura.

Mesclando revisão histórica e algumas reflexões teóricas, tangenciamos conceitos inerentes a qualquer discussão acerca da produção literária para a infância: autonomia estética, origens e influências. Em virtudes do recorte estabelecido no corpus estudado, esta abordagem se esquivará do enfoque questões referentes, à distinção entre literatura infantil e infanto-juvenil, relação entre essa produção e a literatura adulta e a, análise sistemática de obras de autores específicos. Antes, tomando por base uma

revisão da bibliografia selecionada, mais do que apresentar soluções, propomo-nos a compartilhar dúvidas.

Sendo esta uma pesquisa de natureza qualitativa, bibliográfica e de caráter descritivo tomamos como base teórica os textos e estudos de teóricos como COUTINHO (2003), LAJOLO e ZILBERMAN (2007), SILVA (2006), BETTELHEIM (2002), COELHO (2000), ABRAMOVICH (1997) entre outros sobre literatura infantil. A partir daí, trabalhamos sobre o tema proposto e enveredamos pelo caminho dos aspectos relevantes que nos permitem apresentar um panorama da literatura infantil universal e brasileira.

O trabalho esta dividido em três tópicos, nos quais fazemos explicações sobre a literatura infantil; no primeiro tópico fazemos uma rápida explicação sobre as origens deste gênero da literatura no mundo e no Brasil, e as influencias que sofreu ao longo de sua formação, no segundo, procuramos expor algumas reflexões a respeito da importância da escola na divulgação da literatura infantil, bem como seu aspecto lúdico e sua relação com o campo pedagógico, no terceiro e ultimo tópico, buscamos refletir sobre o papel do professor na formação dos pequenos leitores e o modo como a literatura se apresenta nessa tarefa, já que vivemos numa sociedade cada vez mais influenciada pelos recursos midiáticos, que são de rápida absorção.

2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Tendo surgido como reflexo de algumas transformações sociais, a literatura infantil, desde sua origem, instiga uma reflexão que procura definir seu estatuto no contexto das artes em geral. Para Coelho (2000.p.27), a literatura infantil é antes de tudo arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.

Neste primeiro tópico procuramos discutir sobre as origens da literatura infantil no mundo e no Brasil. O objetivo é compor um quadro desta literatura desde sua origem,

contemplando os fatos que colaboram para seu surgimento, as influências que sofreu ao longo de sua formação, além de demonstrar sua capacidade de influenciar a vida de seus leitores. Para tanto, buscamos respaldo em autores como Afrânio Coutinho, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Nely Novaes Coelho e outros.

Praticamente tão recente quanto a ideia de infância que temos hoje é a literatura infantil. Antes da ascensão da burguesia não havia livros de literatura específicos para as crianças e, se eles quisessem ler, deveriam fazê-lo utilizando de textos adultos. Existem obras que não foram produzidas para crianças, mas que se tornaram infantis por dialogarem com elas, enquanto outros textos foram produzidos especialmente para esse público. As características desse gênero são definidas por esses dois tipos de obras. Coelho (2000.p.29) afirma que em essência, “a natureza da literatura infantil é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor a criança”.

Os primeiros livros produzidos particularmente para leitores infantis são os do francês Chales Perrault, no final do século XVII. Lajolo, em seu livro *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e histórias*, afirma que:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livre na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobada como literatura também apropriada a infância: as *Fabulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telemaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os Contos da *Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com modalidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.14).

A partir daí, a criança torna-se o centro em torno do qual se move o processo de criação e de produção de obras infantis. Esse fenômeno marca o fim da “inexistência” da infância, pois com a Revolução Industrial, surgiu a necessidade de pensar em livros infantis para as crianças, quando elas passaram a representar papel importante na sociedade, já que precisavam ser preparadas e capacitadas para o futuro, através da educação, a fim de enfrentar um mercado competitivo em rápida expansão.

Esse novo gênero utilizou-se de diversos tipos de textos já existentes, que foram adaptados para atender melhor às necessidades de formação da criança burguesa, tais como: lendas, mitos cantigas, contos de fadas, fábulas etc., além das histórias de

Andersen. Tais narrativas pretendiam manipular os pequenos leitores mostrando-lhes um padrão de conduta a ser seguido. Neste contexto, a literatura infantil apresentava, até então, um caráter puramente pedagógico.

No século XVIII, a literatura infantil surgiu na Inglaterra em forma própria, com livro destinado às crianças, nos pequenos volumes da Biblioteca Infantil, editado por John Newbery (1713-1769). Neste século dois livros ingleses haveriam de fascinar as crianças para sempre, ainda que não fossem dirigidos a elas: *Robinson Crusóé* (1719) de Daniel Defoe e as *Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift.

O autor afirma ainda que em poucos países a literatura infantil se desenvolveu tanto quanto na Inglaterra, onde James Matheu Barril deu às crianças *Peter Pan* e Lewis Carol *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País dos Espelhos*.

Para Coutinho (2003), foi o dinamarquês Hans Chistian Andersen (1805- 1875) o criador do gênero. Andersen colheu na tradição oral as histórias e transformou-as para pequenos cuja mentalidade entendeu. Utilizando o conto folclórico para literatura infantil, criou o gênero que se desenvolveu em todos os países não só com o folclore, tal e qual ele o fez pela invenção pessoal dos escritores.

Dois temas são apontados como constantes nessa literatura: “o maravilhoso, substância cuja torrente é o folclore, com figuras imaginárias, fadas, gênios, gnomos, duendes, gigantes, objetos mágicos, bichos faladores” (COUTINHO, 2003 p.205) em suma o reino infindável do sobrenatural fora do tempo. O segundo “é o simbolismo, fazer todos esses entes se moverem dentro de um conceito real, em que a vida circule concretamente” (COUTINHO, 2003, p.205). Em tudo há uma ordem humana, uma lição ensinando o bem e condenando o mal.

Na atualidade, os critérios para que se considere um texto adequado à infância percorrem uma trajetória oposta, no que se refere ao caráter pedagógico da obra. Ela deve, sim, ser educativa, mas em um sentido amplo, libertador, deve servir como elemento ordenador e estruturante do universo interior da criança.

2.1 Literatura infantil e Folclore

A palavra folclore foi criada por W.J.Thomas, em 1846. *Folk* significa povo; *Lore* significa saber ou conhecimento. O folclore tem sido a grande matriz da literatura infantil, não só pelo fabuloso, mas pelo trato dos assuntos e talvez por aquela semelhança entre a mentalidade infantil e a primitiva. Os seres sobrenaturais, fadas, bruxas, ogros, gnomos, gigantes, os objetos mágicos tocados de sortilégios, as metamorfoses e o animismo, as estórias de bichos faladores, todo esse mundo é uma permanente quando se pensa em prender a atenção das crianças. A literatura infantil está intrinsecamente ligada à fantasia e o folclore é uma das etapas mais importantes dessa literatura, com a grande vantagem de “falar” para todas as idades.

A literatura infantil, mais do que qualquer outro gênero literário ou forma de expressão, tem sua origem no folclore, nos contos populares, pelo menos já na época histórica. Lendas e mitos constituíram a literatura oral das comunidades primitivas. Muito das lendas e mitos antigos subsiste nos tempos modernos, no folclore ou nas crenças sobrenaturais (MORAES, 1991, p. 52).

A esse respeito Silva afirma que:

A um leitor perspicaz uma particularidade dos textos voltados para a criança não escapa: a literatura infantil de todos os quadrantes do mundo, assim como as narrativas nascidas na oralidade do folclore ou no mito de todos os povos guarda entre si um inegável parentesco. (SILVA, 2009, p.53).

As lendas do folclore como os contos de fadas, se passam no mundo da fantasia, num universo encantado fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer pessoa pode estar. O mundo fantástico facilita a compreensão infantil.

2.2 A literatura infantil no Brasil

O surgimento da literatura específica para o público infantil no Brasil aconteceu no fim do século XIX. Nesse momento, a circulação de livros infantis no país era precária e irregular, as primeiras obras publicadas para esses leitores eram traduções de autores estrangeiros que, aos poucos, começaram a dividir o mercado com obras nacionais que surgiram. Segundo Albino:

É nesse contexto que a vertente brasileira do gênero emerge. Embora os livros para crianças comecem a ser publicados no Brasil em 1808 com a implantação da Imprensa Régia, a literatura infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX. Mesmo nesse momento, a circulação de livros infantis no país é precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas que só aos poucos passam a coexistir com as tentativas pioneiras e esporádicas de traduções nacionais. Enquanto sistema (de textos e autores postos em circulação junto ao público), a literatura destinada ao jovem público brasileiro se consolida somente nos arredores da Proclamação da República. (ALBINO, 2009, p.4).

Esse desenvolvimento da literatura infantil serviu de apoio para a formação de uma identidade nacional, já que foi um período de aprofundadas mudanças e de solidificação do capitalismo.

Ao mesmo tempo, começaram a surgir autores preocupados com uma forma de expressão que fosse verdadeiramente representativa do povo brasileiro, os livros infantis e escolares são dois gêneros que saem fortalecidos pelas campanhas lideradas por intelectuais, políticos e educadores, o que abriu espaço para uma produção literária e didática dirigida especialmente ao público infantil. Entretanto, no geral, a literatura infantil mantinha-se conservadora e pedagógica.

No século XX, quando a escola torna-se mais acessível, a literatura infantil começou a aparecer nos livros didáticos e em traduções. Em 1915, o professor Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) cria em São Paulo a Biblioteca Infantil, com cerca de cem livros e uma grande coleção de adaptações das *Mil e uma noites*, de livros famosos como *D. Quixote* ou as *Aventuras de Gulliver* ou contos folclóricos dos Grimm, de Perrault, de Andersen e outros.

Aberto esse campo, começa a desapontar a preocupação generalizada como carência de material de leitura adequada às crianças do país as quais contavam apenas com adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus que, muitas vezes, circulavam em edições portuguesas, dada a nossa condição de colonos, cujo código linguístico se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros.

A partir do século XX, a literatura infantil se consolida e está comprometida com a tarefa de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos. Merece destaque a obra *Contos pátrios* (1904) de Olavo Bilac e Coelho Neto, a narrativa longa *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bonfim e *Saudade* (1919) de Tales de Andrade, além dos livros de Monteiro Lobato, entre outros. (COUTINHO, 2003, p.207). Sobre isso, Lajolo afirma que:

Carlos Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusó (1885), Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D. Quixote de la Mancha (1901), todos vertidos para língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma. (COUTINHO, 2003, p.207)

De acordo com Coutinho (2003), devemos a Olavo Bilac um dos primeiros livros clássicos da nossa literatura infantil, com a *Poesia infantil*, o autor afirma que Bilac deu a nossa juventude “obra de encanto artístico e proveito educacional,” além de um modo sensibilizante de falar as crianças. Ele exalta as maravilhas da terra brasileira com o intuito de estimular o sentimento de patriotismo e inserir no leitor os códigos da cultura tradicional, informando valores que enfatizam a relação de dominação do adulto sobre a criança. Em 1919, com o romance “*Saudade*”, Tales de Andrade praticamente encerra esse primeiro período da literatura infantil brasileira.

A partir da década de 1920 a situação começa a mudar. Em virtude das influências das vanguardas, algumas regiões do Brasil iniciaram um processo de transformação, resultando em desenvolvimento da literatura infantil. Nesse contexto, ainda no século XX, Monteiro Lobato publica *A menina do nariz arrebitado* (1921), livro didático que antecede vários outros em que o autor atualiza personagens já conhecidos dos contos de fadas tradicionais e mostra aos estudantes, de maneira crítica, temas atuais, numa linguagem que as interesse.

A literatura infantil brasileira é, para alguns teóricos, dividida em duas fases: a fase lobatiana, que trata justamente das histórias infantis que Monteiro Lobato escreveu e publicou; e a fase pós-lobatiana, ou seja, toda literatura infantil e juvenil produzida e publicada após as obras de Monteiro Lobato. Essa divisão é interessante, porque nos permiti pensar em dois cenários para a literatura infanto-juvenil brasileira.

O primeiro cenário é todo aquele antes das publicações de Monteiro Lobato, e que acreditamos ser constituído apenas pelas histórias populares regionais e contadas e recontadas por gente do povo, sem nenhum traço gráfico, e/ou então as histórias europeias eruditas, conhecidas geralmente como os “contos de fadas”- Chapeuzinho Vermelho, A Bela e a Fera, etc.

O segundo cenário formado pelo escritor infanto-juvenil Monteiro Lobato e todos os demais escritores, influenciados ou não por Lobato, que se dedicaram a escrever ou, a passar para a escrita às histórias orais do primeiro cenário, formando assim uma literatura infanto-juvenil legitimamente brasileira e que perdura até hoje.

A produção literária destinada às crianças que surge no Brasil entre os anos 60 e 80 aponta para consolidação do gênero literatura infantil, tanto na perspectiva concreta da produção e consumo, como no plano interno, nas formas e conteúdos desses livros.

A partir de meados de 1970 surgem propostas para a renovação da literatura infantil no Brasil. São promovidos encontros, seminários e congressos a respeito do assunto, a qualidade da produção literária voltada para a criança despertou o interesse da escola, empenhada em reconquistar para a leitura crianças e jovens, cada vez mais seduzidos pela cultura da imagem eletrônica.

Segundo Silva (2009), “na década de 1980, a literatura infantil foi definitivamente reconhecida nos meios acadêmicos, ao ser alçadas à condição de disciplina curricular nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras”.

A literatura infanto-juvenil brasileira dos dias atuais traz presente em suas narrativas, poesias, traços da modernidade e da realidade. Muito influenciada no passado pelos contos de fadas europeus e/ou contos populares a literatura infanto-juvenil de hoje toma uma direção bastante particular, deixando de lado certas fórmulas do passado (ex. reis, príncipes, dragões, donzelas em perigo, bichos faladores) para adotar uma postura mais moderna e diretamente ligada a fatos do presente, da realidade, adequados a uma linguagem fantásticas e simples. Uma linguagem que consiga atrair a atenção dos pequenos, sendo, ao mesmo tempo, inovadora e atraente.

3 O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DOS PEQUENOS LEITORES

A criança, em seus primeiros anos de vida, está descobrindo o mundo que a cerca, dentro de si estão se formando suas experiências e descobertas. Nessa fase da vida, a literatura infantil se torna muito importante, pois abre a possibilidade de a criança experimentar um mundo novo por meio das palavras e da imaginação.

A escola é hoje um espaço privilegiado para a divulgação desse ramo da literatura e para a formação dos futuros adultos leitores. Nesse contexto, podemos nos perguntar: Como é feita a escolha do livro de literatura para criança? Qual importância do contar histórias para crianças? Qual é a importância do professor no processo de formação dos pequenos leitores?

No presente tópico, procuramos refletir a respeito dessas questões, buscando entender de que forma o professor, sendo um profissional da educação, desempenha importante função social.

3.1 A escolha do livro para criança

Os professores até sabem que a literatura deve servir como forma de enriquecimento, eles até desejam criar nas crianças o prazer pela leitura. Nas salas de aula brasileiras, geralmente ainda prevalece à ideia de que a literatura infantil está a serviço da moralização e dos ensinamentos, independente de divertir ou instruir.

Boa parte dos professores querem despertar o gosto pela leitura em seus alunos sem, no entanto, ser um leitor eficiente, e muitas vezes isso ocorre porque tiveram pouco contato com obras infantis. A esse respeito Gregorin Filho (2009, p.35) afirma que “há a necessidade de dar continuidade a formação dos educadores, uma formação adequada para o trabalho com a leitura e a literatura”.

A falta de compromisso com a leitura prejudica o trabalho desenvolvido com os textos literários infantis, uma vez que o professor não consegue explorar o discurso, o enredo, o ideológico, o simbólico, principalmente aqueles que não tiveram uma formação literária em sua grade curricular.

Quando o professor leva um livro à criança pretende que este seja uma forma de aquisição de conhecimentos. A ideia de que esta obra seja explorada pensando no prazer que a leitura pode proporcionar, sem cobranças ou atividades descontextualizadas que não lhe diga nada. Todavia ninguém deve ser obrigado a gostar de ler. Cabe então aos educadores influir o melhor que puder para despertar o “adormecido” prazer pela leitura.

O professor desempenha papel fundamental e determinante para o êxito do processo, cabendo-lhe a verificação dos interesses literários de seus alunos, o conhecimento amplo e seguro de um acervo de títulos, a capacidade de seleção, a

adoção de uma metodologia de ensino e o conhecimento de algumas teorias que lhe definam os limites do seu campo de trabalhos.

Para que sua função de formador de leitores seja bem sucedida é imprescindível que o professor também seja um leitor maduro e questionador, para poder discernir o que possibilita ou não uma leitura crítica e questionadora. Gregorin Filho afirma que:

Neste início do século XXI, pode-se encontrar uma grande variedade de “infâncias” coexistindo nas mais diversas sociedades, desde aquelas que ainda não conhecem as transformações sofridas pela escola e seguem trabalhando como adultos, até aquelas que vivem imersas num mundo puramente tecnológico, também afastadas das atividades lúdicas tão necessárias ao desenvolvimento do ser humano (GREGORIN FILHO,2009, p.42).

Nota-se a dificuldade dos professores no trabalho diário com tamanhas diversidades econômicas, sociais e culturais, diferentes crianças e múltiplas realidades numa mesma sociedade. Assim a escola se torna um espaço de convergência de todas essas realidades, necessitando o professor de uma preparação cada vez mais sólida para o desenvolvimento do seu trabalho.

As crianças estão em permanente contato com livros, cabe então ao professor o papel de torna-los aos olhos dos pequenos uma obra de arte e não meio instrumento pedagógico.

3.2 Professor: um contador de histórias

Ouvir histórias é algo muito prazeroso e, desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

É inquestionável a necessidade de incentivar o indivíduo a ler desde as primeiras fases da infância, seja pela expressão oral- quando um adulto ler para a criança- ou pela própria leitura da criança. Quando a criança ouve ou lê uma história é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, quanto mais cedo, a criança tiver

contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela torna-se um adulto leitor.

É na infância que o ser humano entra em contato e participa do mundo da irrealidade através da ficção, essa inserção da literatura no mundo infantil gera a descoberta da própria identidade, o que é fundamental para o desenvolvimento da criança. (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

O primeiro contato da criança com o texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. À medida que cresce, ela já é capaz de escolher a história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tomando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. Para Abramovich (1997) “quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma, mas clara os sentimentos que têm em relação ao mundo”.

O professor desempenha um importante papel enquanto mediador para formar leitores potenciais: o de ensinar a criança a ler e gostar de ler. O professor que oferece pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida a fora. Segundo Silva (2009), cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde os seus contatos iniciais com livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito.

Ainda segundo a autora,

O contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções transformá-las em modulações de voz e gestos (SILVA, 2009, p.35).

O professor tem que desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça certa variedade de livros de leituras como contos, fábulas e poesias, para isso é preciso que observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento da leitura em que ela se encontra.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai

querer buscar no livro alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. Enfim, a literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura.

4 O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Ligada desde a origem à diversão e ao aprendizado as crianças, a literatura infantil deveria ser adequada à compreensão e ao interesse desse peculiar destinatário. E, como a criança era vista como um “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultam da adaptação de textos escritos para adultos.

Como já foi dito, os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia. Nesta época, a literatura infantil era tida como mercadoria, principalmente para a sociedade aristocrática. Com o passar do tempo, a sociedade cresceu e modernizou-se por meio da industrialização, expandindo assim, a produção de livros.

A partir daí os laços entre a escola e literatura começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia a escola desenvolver esta capacidade. A relação entre a literatura e a escola é forte desde o início até os dias de hoje. Na visão de Coelho:

...a escola é hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente-condição *sine qua non* para plena realidade do ser. (COELHO, 2000.p.16)

Se considerarmos que a escola tem como uma de suas principais funções a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso à leitura, é imprescindível que a escola crie possibilidades que estimulem o gosto pela leitura por

intermédio de textos significativos para os alunos. A literatura infantil aparece nesse contexto, como uma valiosa ferramenta que pode ser utilizada pela escola na construção do aluno leitor.

A criança que lê, adquire mais parâmetros para fazer comparações e selecionar as obras que lhe parecer melhor, tanto em situações escolares como em situações de sua vida cotidiana. A literatura infantil aparece nesse contexto, como uma valiosa ferramenta que pode ser utilizada pela escola na construção do aluno leitor.

Entre os diversos fatores para um convívio efetivo do leitor com a literatura, está a necessidade de adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil/juvenil. Deve-se ter em mente que não basta oferecer livros as crianças, é preciso adequar a leitura ao seu estágio de desenvolvimento, pois no entender de Silva (2009, p.39) “imagina-se que a leitura seja um percurso, que prepara o leitor, progressivamente, a ser capaz de fluir a literatura para adultos. Daí a complexidade crescente dos textos, segundo a idade de seu destinatário”. Isso quer dizer que a extensão, a estrutura e os temas abordados precisam ser relativos e dimensionados de acordo com a maturidade de seu leitor potencial.

“Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais”. (GREGORIN FILHO, 2009, p.77). Mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer literatura em sala de aula é poder formar leitores que ampliem sua competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade.

Acima de tudo, ao selecionar um livro para os alunos, seja de literatura ou não, o educador deve levar em consideração a importância da função social como agente transformador da realidade social e buscar sempre o questionamento de atividades e instrumentos que não condizem com os valores de liberdade de pensamento e tolerância às diferenças.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro e talvez mais importante é determinado pela “atmosfera literária” que, segundo Bamberguerd (2000, p.71) a criança encontra em casa. A criança que houve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

De acordo com Bamberguerd (2000) a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada a motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

É fundamental que a escola tenha percepção dos livros literários com aliados no desenvolvimento da afetividade e da imaginação dos alunos, entendendo que a criança é um indivíduo pertencente a um grupo social e que o espaço escolar é aquele onde podem ser desenvolvidas as primeiras relações dos alunos com a leitura. Para tanto é importante criar condições para que os objetivos não se percam e que a partir do texto literário os alunos possam viajar pelo mundo, onde o professor deve ser o guia desta viagem pelo universo da literatura.

Para tanto, é necessário que a escola reconheça que letramento são práticas plurais e situadas, e sendo de tal forma, a escola torna-se uma mediadora no processo de apropriação de significados. A escola é uma instituição autorizada e legitimada em toda a sociedade letrada e as práticas de letramento no ambiente escolar devem concorrer junto com as práticas de letramento dos alunos.

Para cumprir esse propósito, torna-se indispensável à organização do trabalho escolar desde as séries iniciais, no intuito de fomentar no aluno, a capacidade de compreensão do texto, identificar as ideias principais, inferir, problematizar, formular hipóteses, reagir criticamente e confrontar argumentos. A falta desta organização escolar acarreta prejuízo no desenvolvimento na formação do leitor crítico, pois este, não adquire habilidades de compreensão e interpretação de texto, sendo assim, torna-se um leitor que lê razoavelmente bem, mas não compreende o que leu.

Entre as estratégias metodológicas que possibilitam ao professor um bom trabalho, pode-se listar a contação de histórias. As crianças desde muito cedo gostam de ouvir histórias, nesse sentido é necessário que o professor preocupe-se em contá-la com interesse, criando um ambiente agradável propiciando a escuta atenta, instigando a curiosidade e imaginação da criança, e estimulando-a para que aprecie cada vez mais a narrativa oral, trilhando caminhos para sua formação enquanto leitor.

Aproveite que o conto é um excelente instrumento para o treino auditivo. Ao ouvir um texto bem lido ou narrado, aprendemos a correta sonoridade das palavras, percebemos o ritmo impresso pelo narrador, sentimos os sons do silêncio, nos envolvemos com a sua musicalidade e com os sentimentos que emergem do conto. Narrar um conto implica, inicialmente, em se apropriar dos símbolos, e isto é mais do que importante, é essencial. Vivemos um momento árido, povoado por imagens vazias, destituídas de significados, e resgatar significados é imprescindível para a nossa existência. Nós como educadores devemos estar cientes da urgência em realizar esta tarefa, ou seja, mostrar opções para a criança trilhar o seu caminho. (BUSATTO, 2003: 40-41).

A prática de contação de histórias se configura como um recurso constante no cotidiano pedagógico, muitas vezes utilizado muito mais como um momento de lazer do que como um recurso metodológico.

É relevante considerar ainda a importância de a criança ter acesso a diversos tipos de materiais escritos, que possibilitem o seu contato com as mais variadas práticas culturais mediadas pela escrita, aspecto que procuramos enfatizar no desenvolvimento do projeto desde a fomentação de rodas de histórias a jogos elaborados e conduzidos para esse fim. A literatura infantil é um desses meios de se trabalhar a linguagem oral pelo favorecimento do desenvolvimento da ampliação do vocabulário. Assim, é imprescindível a seleção de textos que possibilitem interpretações distintas a cerca de uma mesma sequência de fatos instigando a criança a imaginar e a criar diversas situações, pois ler não é apenas decifrar as palavras, mas antes um processo de trabalho ativo buscando o significado do texto, onde o leitor se utiliza de várias estratégias como inicialmente o seu conhecimento prévio sobre o assunto abordado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil é capaz de produzir prazer por ser capaz de despertar o gosto pela leitura, por revelar um universo harmonioso, mágico, que proporciona à criança desfrutar de uma realidade sublimada pela fantasia.

No mundo em que a criança se encontra, a literatura infantil pode adentrar. É um mundo sem medo, em que a fantasia é reinante em todos os lugares, onde o mágico é o elemento principal, que tudo pode realizar. A criança que houve histórias desde cedo,

que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

Através deste trabalho pudemos entender o processo pelo qual a literatura infantil ganhou forma. Percebemos que este ramo da literatura é ainda pouco trabalhado por ser considerado algo pueril. Desde sua origem, no século XVII, a literatura infantil está ligada a questão pedagógica, por trazer implícitos ensinamentos morais e religiosos e continua sendo apropriada, assim como a literatura não- infantil, para fins pedagógicos com o objetivo de condicionar a criança para atender aos padrões exigidos.

As informações obtidas através da pesquisa trazem à tona uma importante reflexão acerca da literatura na Educação Infantil: para se promover uma educação de qualidade para todos, a escola, bem como os sistemas de ensino, devem procurar promover a formação continuada dos professores a fim de ressignificar a proposta educativa com vistas ao incentivo da leitura e a formação dos pequenos leitores como meio de contribuição para o desenvolvimento da imaginação, criatividade e afetividade dos alunos.

Usamos como fim para justificar a relevância deste trabalho o resgate da história da literatura infantil, tão pouco estudada e ainda considerada como pretexto para o ensino sistemático. Mostrar a importância do professor enquanto promotor do processo de formação de leitores e qual o papel da literatura infantil como ferramenta imprescindível no processo de ensino e aprendizagem.

Esperamos despertar a curiosidade à cerca deste ramo da literatura infantil que envolve um mundo de possibilidades para o desenvolvimento do apuro da percepção e do prazer estético que a mesma pode causar.

ABSTRACT

The literature contributes to the need to think of children's books for children, which after the Industrial Revolution began to represent important role in society. She is one of the instruments of emancipation for the child, brings knowledge of the world, broadens the outlook on life and offers multiple experiences. One of the most important elements in the literature aimed at children, and also for adult audiences, was and still is fantastic. Thus, this study aims to discuss the contributions of children's literature for educational practice in reader training, to show what role plays in school and training of players; identify the teacher as a mediator in the process of training of young readers; and describe the importance of listening to read stories from childhood. Because the cut established in the studied corpus, the literature is based on authors such as: COUTINHO (2003), LAJOLO and ZILBERMAN (2007), Silva (2006), Bettelheim (2002) RABBIT (2000), ABRAMOVICH (1997) between others. From what is presented here, one comes to the conclusion that even if it is seen as something simple, or used for educational purposes, the primary objective to work with this type of literature should be no doubt, the plight of the perception of pleasure aesthetic the literature, determining whether any.

KEYWORDS: Children's literature; Pedagogical; Readers formation.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALBINO Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendência e ensino**. [Internet]. Ourinhos, 2009. Disponível em <<http://www.litteratu.com>> acesso em 05 de julho de 2016.

BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 6ª Ed. – Paz e Terra-2002.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos Segredos de Narrativas**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2003.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica**. 4ª Ed. Global. São Paulo. 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria análise e didática**: São Paulo: Moderna, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 6ª Ed.- São Paulo: Globo, 2003.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil, teoria e práticas**. Ática, 2006.

DANTON, Gian. **Monteiro Lobato: vida e obra**. [Internet] Ed. Virtual Book, 2002. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook_didatico1.htm> acesso em 30 de agosto de 2016.

GREGÓRIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**/ José Nicolau Gregório Filho. - São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias série fundamentos** SP. Editora Ática. 6ª Ed, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2ed. São Paulo: Altas, 2000.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Estudos das diversas modalidades de textos infantis**. [Internet]. Disponível em <www.graudez.com.br> acesso em: 23 de setembro de 2016.

SILVA, Mauricio. **Literatura Infantil e suas vertentes (fontes, modalidades, oralidade)**. Contrapontos – volume 6- n.2- p.281-291- Itajaí, mai/ago 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia prático para professores e promotores de leitura**. -2. Ed.- ver. – Goiânia; Cãnone Editorial, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. Ed. rev. Ampl. São Paulo: Global, 2007.